



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na aula inaugural do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem)**

**Recife-PE, 20 de julho de 2005**

Excelentíssimo senhor governador do estado de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu querido companheiro Tarso Genro, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Luiz Marinho, que eu tomei emprestado da CUT para assumir o Ministério do Trabalho e Emprego no Brasil,

Minha querida Márcia Lopes, ministra interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Beto Cury, secretário Nacional da Juventude,

Meu querido companheiros Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Senhora Maria José Feres, coordenadora nacional do ProJovem,

Senhora Maria Luiza Aléssio, coordenadora local do ProJovem,

Meus queridos jovens, homens e mulheres do meu querido estado de Pernambuco e do meu querido país,

Meu querido companheiro Humberto Costa, nosso sempre ministro da Saúde deste país,

Nosso querido Armando Monteiro, que vocês não têm nenhuma obrigação de conhecer, mas foi o ministro da Agricultura do João Goulart; um grande companheiro nosso, aqui, do estado de Pernambuco,

Meus companheiros vereadores,

Meus caros deputados federais Fernando Ferro, Paulo Rubem e Pedro Corrêa,

Vereadores,



Secretários,  
Jornalistas,  
Meus companheiros e minhas companheiras,

Ao contrário do João Paulo, eu não vou fazer um discurso por escrito. Quando a gente fala de improviso, a gente pode cometer o erro de falar uma palavra indevida no momento certo. Como diriam vocês, quando fazem a rodinha para conversar alguma coisa, poderia se falar alguma bobagem. Mas, em se tratando de bobagem, é melhor a gente falar do que fazer bobagem. Então, eu quero ter uma conversa de pai para filho, de companheiro para companheira, de um Presidente da República com boa parte da representação da nossa juventude.

Primeiro, esse é um desafio de qualquer governo nos países pobres do mundo: cuidar da educação da sua gente, porque não existe exemplo, na humanidade, de nenhum país que conseguiu sair da fase de país pobre para país rico sem que antes houvesse um forte investimento na educação. A educação é a base para que, individualmente as pessoas progridam e para que uma nação possa se desenvolver.

É por isso que, para nós, a educação é a condição fundamental para o desenvolvimento do Brasil. E quando o companheiro Luiz Dulci trouxe à minha mesa a idéia da criação do ProJovem, para dar oportunidade a meninas e meninos deste país que estavam entre 18 e 24 anos de idade, que tinham feito o ensino fundamental, mas que por qualquer razão tinham parado de estudar, eu achei que a idéia era uma idéia genial, porque não tem nada mais genial do que, de repente, você ter a idéia de que é possível dar oportunidade a quem não teve oportunidade e despertar a esperança em quem já tinha perdido a esperança. Muitas vezes, se colocando numa situação de ficar no fio da navalha, entre uma cidadania sadia e cair na marginalidade, na criminalidade, e quem sabe, jogar fora um ser humano que nasce para ser bom e que, muitas



vezes, a falta de oportunidade o transforma num marginal, numa pessoa sem referência e numa pessoa perseguida pelo restante da sociedade.

Eu, então, resolvi que era necessário e era muito importante vocês conhecerem um pouco da minha vida para saberem que vale a pena. A única coisa que vale a pena é a gente acreditar que pode construir um amanhã melhor do que o ontem e que a gente pode construir um futuro melhor se nós acreditarmos nisso.

Para quem não sabe, eu nasci na cidade de Garanhuns, subdistrito, na época, de Vargem Comprida, hoje Caetés, porque só foi transformada em cidade em 1962 e eu tinha ido embora para São Paulo em 1952. Meu pai, engravidou a minha mãe, de mim, e foi embora para São Paulo em 1945. Minha mãe ficou grávida de mim, eu sou o penúltimo filho dela e meu pai só veio me ver quando eu já tinha cinco anos de idade, em 1950. Nós éramos de uma família que, para ser pobre, precisava ficar rico. Era muito pobre. E a gente vivia de comer o que era possível comer, como muita gente vive hoje.

Em 1950, meu pai veio visitar minha mãe. Como o cidadão não tinha nenhuma escolaridade sexual, engravidou a minha mãe da minha irmã mais nova e voltou para São Paulo. Acontece que meu pai cometeu um erro porque ele levou o meu irmão mais velho com ele para São Paulo. Quando meu pai chegou em São Paulo, esse meu irmão descobriu que meu pai já estava casado e ele tinha se casado com a prima da minha mãe que tinha desaparecido.

Quando meu pai foi embora para São Paulo, governador, uma prima da minha mãe desapareceu e, aí, meu irmão descobriu que meu pai estava casado com essa mulher e que já tinha quatro filhos com ela. Esse meu irmão – porque meu pai era analfabeto, minha mãe era analfabeta – esse meu irmão fez uma carta para minha mãe como se fosse meu pai, convidando para ir para São Paulo. A minha mãe vendeu o que tinha, ela vendeu tudo o que tinha, desde a casa, que era uma casinha “tapera” – todo mundo sabe como é uma



casinha no meio do mato – e ainda naquele tempo vendeu despertador, vendeu um burrico que tinha, vendeu não sei o quê mais lá. Eu sei que, ao todo, ela juntou, acho que 13 contos, se não me falha a memória, e resolveu ir para São Paulo.

Colocou os sete filhos no pau-de-arara, porque um já estava lá. E foi uma briga muito grande porque tinha irmão meu que se escondia para não ir, um subia no pé de caju e não queria descer. Uma irmã, na época, tinha apenas dois anos de idade, e viajamos 13 dias para São Paulo. A comida era um saco de farinha, algumas rapaduras e, quando o caminhão parava, a gente dormia embaixo do caminhão, de vez em quando acordava com um temporal e tinha que sair correndo; e a gente fazia comida pegando água no rio São Francisco, que não era tão poluído como é hoje, em muitos lugares do país.

Depois de 13 dias de viagem, chegamos a São Paulo. Aí, viajou minha mãe com sete filhos, o irmão da minha mãe, a mulher e dois filhos. Você imagina, tudo isso entrando num táxi. Descemos do pau-de-arara, em São Paulo, pegamos um táxi e fomos a Santos, onde meu pai trabalhava.

A Dona Lindu, sequiosa para encontrar o seu marido, sem saber da vida dele. Quando nós chegamos no porto de Santos, meu pai trabalhava como ensacador, trabalhava carregando saco de café. Naquele tempo, ganhava por produção. Então, ele carregava um saco de 60 quilos embaixo do braço, outro embaixo desse braço e um no pescoço. Era um negócio maluco para ganhar um pouco de dinheiro a mais.

Aí, um compadre nosso foi lá, chamaram meu pai. Quando meu pai veio e viu minha mãe e a trempa de barrigudinhos ali, ele tomou um susto, mas não levou a minha mãe para a casa dele, pediu para um compadre levar a minha mãe para a casa dele, levou os filhos para lá, e lá nos vimos a outra mulher dele, que já tinha quatro filhos. Então, minha mãe ficou morando uns meses com esse compadre até que meu pai levou a mulher que estava com ele para outra casa e levou minha mãe para dentro de casa, porque, segundo o



conceito dele, minha mãe era a legítima, então a casa principal tinha que ser da minha mãe.

Acontece que a minha mãe só conseguiu suportar isso durante pouco tempo. E é por isso que a minha mãe é uma referência porque ela, sozinha – que deve ser a situação da mãe ou do pai de alguns de vocês – analfabeta, resolveu se separar do meu pai. E, um belo dia, nós tínhamos como únicas coisas a roupa do corpo, uma tina – eu não sei se vocês sabem o que é tina, uma barrica cortada no meio, um desses tonéis de carvalho, cortado no meio, onde se lavava a roupa e, muitas vezes, se tomava banho –; uma lata de leite Mococa vazia, onde meu pai guardava um pão doce que comprava só para ele, e uma faca. Era o que a gente teve, de mudança. E ficamos lá.

Um irmão meu trabalhava numa carvoaria, outro irmão trabalhava vendendo sardinha, outro trabalhava num bar e eu vendia amendoim e laranja. E, de vez em quando, o meu irmão mais velho me dava um cascudo porque eu tinha vergonha de gritar: “olha a tapioca, olha o amendoim, olha a laranja.” Ele gritava um pouco e quando ele falava: “agora, Lula, grita você”, quando eu ia gritar eu tinha vergonha, e ele me dava um “cocorote”. É por isso que eu acho que eu tenho a cabeça meio chata, de tomar “cocorote” do meu irmão mais velho. Pois bem, até 1955 nós ficamos em Santos. Aí, minha mãe resolveu ir para São Paulo. Meus irmãos todos, nenhum tinha profissão, todos trabalhavam ganhando o salário mínimo e, em 1956, eu fui para São Paulo, aí eu já tinha 11 anos de idade. Quando eu saí de Caetés eu tinha sete anos de idade.

A primeira coisa que eu adorava era engraxar sapato no sábado e no domingo. Adorava acabar de engraxar o sapato, chegar no bar, porque era na frente de um bar, pedir meia bengala de pão, mandar colocar mortadela; naquele tempo tinha uma bebida chamada Tubaína, que eu não sei se tem mais, e era meia bengala de pão com mortadela, uma Tubaína e ali estava ganho o meu sábado.



Naquele tempo, a gente não podia ir ao cinema, Jarbas, porque lá em São Paulo tinha que colocar paletó para ir ao cinema. Uma vez, um amigo meu, chamado Cláudio, me emprestou um paletó, eu briguei com ele no meio do caminho e ele tomou o paletó de volta, e eu não pude ir ao cinema. Pois bem, depois eu comecei a trabalhar de tintureiro, carregava paletó, eu não sou muito alto, vocês estão percebendo, mas até os 18 anos eu não tinha desenvolvido quase nada, eu era muito baixinho. Tinha um empregado da Ford, que depois eu comecei a chamá-lo de compadre, que era um “homão” grande, e umas três vezes eu fui levar o terno dele ao tintureiro; eu era carregador, era um cabo de vassoura aqui nas costas, colocava os ternos aqui do lado e saía carregando. Quando eu chegava para entregar o terno, a parte de baixo estava molhada porque, como o terno era muito grande, arrastava no chão. A minha gratidão com esse companheiro é que depois eu o encontrei já como presidente do sindicato na Ford. Ele é pernambucano e esse cara, mesmo eu levando a roupa dele suja, nunca me deu uma bronca, e a mulher dele ainda me dava uma gorjeta, mas eu tinha que trazer a roupa de volta para lavar outra vez, e trazia para lavar outra vez.

Eu estou contando tudo isso para vocês porque o meu desafio aqui é despertar esperança em vocês e motivação para vocês. Eu sei as condições em que mora muita gente no Brasil. Nós morávamos num quarto e cozinha, na Vila Carioca, e a gente morava em 13 pessoas num quarto e cozinha. Eram aquelas caminhas de mola, de dia se fechava, de noite abria. Eu dormia junto com a minha mãe e com duas irmãs e outro meu irmão, e minha mãe com outros meus irmãos do lado, primos pobres ainda dormiam lá. Não tinha banheiro, o banheiro era o que atendia o bar e era lá que as minhas irmãs tinham que tomar banho e eu. Depois de um bar de sábado à noite, imaginem o ambiente no banheiro, e a gente utilizava aquilo lá.

Pois bem, eu me lembro de um dia como se fosse hoje. Uma vez, nós fomos nos mudar dessa casa no fundo do bar para uma outra casa. A única



coisa que a gente tinha era um fogão a gás, um fogão a querosene que a minha irmã, que tinha sete ou oito anos, cada vez que ia acender, o desgraçado do fogão pegava fogo, e essa minha irmã estava quase para morrer de estresse com oito anos de idade porque já não agüentava mais. Um dia, nós compramos um fogão de duas bocas. Nós mudamos dessa rua que eu morava para uma rua chamada Rua Auriverde que o Moura e o (inaudível) conhecem muito bem, que estão aqui, meus primos de Pernambuco. A gente tinha um fogão de duas bocas. A maior alegria que eu tive na vida foi poder colocar em cima do caminhão um fogão de duas bocas, para todo mundo saber que eu tinha progredido.

Pois bem, nenhum irmão meu tinha profissão, eles não tinham tirado o diploma primário ainda, portanto, todos ganhavam salário mínimo. Aí, minha mãe, um dia, recebeu uma notícia de que tinha uma vaga no Senai, para que eu fizesse um curso. Me pegou pelo braço, fomos a pé, muito longe, chegamos lá eu fiz um teste e fui aceito no Senai para fazer um curso de torneiro mecânico. Graças a esse curso eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter um diploma primário, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma profissão, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma casa própria, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter um carro, a ter uma televisão e, por conta dessa profissão, eu fui trabalhar numa empresa grande, que era a Vilares, e por conta de ser uma empresa grande, eu ganhava um salário razoável que podia sustentar minha mãe, duas irmãs, pagar aluguel e ainda pensar em casar. E casei.

Pois bem, graças a essa profissão, eu fui para uma empresa, virei dirigente sindical, virei presidente, entrei na política e hoje estou aqui como Presidente da República.

Eu não sei o que aconteceu na vida de vocês que vocês pararam de estudar. De vez em quando a gente vê na televisão alguém dizer que pobre cai na violência porque é pobre. Não é verdade, porque se fosse assim eu teria caído. Muitas vezes nós perdemos referência porque dentro da nossa própria



casa a referência desapareceu. A mãe joga um papel extraordinário em manter a família unida, porque eu saía da escola, passava numa feira, eu tinha uma vontade de comer uma pêra, uma maçã, coisa que eu nunca tive possibilidade, e eu não tinha coragem de pegar, porque eu tinha no caráter da minha mãe a minha referência.

E hoje, causado por “enes” problemas, muitas vezes um jovem chega em casa e está o pai brigando com a mãe. Muitas vezes a família não está em harmonia em função de várias coisas. E o jovem passa a ver tanta “desgraceira” na vida dele, que ele termina desistindo, ele acha que o destino dele está traçado para ser um “zé ninguém”, que ele não vai ter chance, que ninguém dá oportunidade e, portanto, ele se entrega à vida de não acreditar nele próprio.

A minha vida é o exemplo de que todos vocês, independentemente do sexo, da religião, independentemente da cor, ou se o pai está trabalhando ou não, todos vocês podem chegar ao que eu cheguei, podem ter uma profissão. Mas isso não depende de mim, isso depende da boa vontade de cada um de vocês, depende de vocês agarrarem essa oportunidade. Vocês vão ter a chance de uma boa formação escolar, vocês vão ter a chance de uma boa formação profissional, vocês vão ter a chance de acesso à informática, que até hoje eu não tive. E vocês vão ter acesso às possibilidades de fazerem um trabalho comunitário.

Esse programa, ele está apenas começando. São poucos os recursos, 300 milhões, serão 200 e poucos mil jovens. Mas, quem sabe, se no meu tempo tivesse isso, eu, quem sabe, tivesse progredido um pouco mais. Esse programa é a oportunidade, é o estender de mão, esse programa é uma voz dizendo para vocês: “não se entreguem, vamos à luta e levantem a cabeça.” Se tiverem problema dentro de casa, vamos tentar reunir a família e discutir. A família é a base da consagração da vida de cada um de nós. O pai e a mãe têm que servir de exemplo para os seus filhos, no comportamento e na



educação. E vocês estão na flor da idade, vocês estão naquele momento em que é tudo ou nada, vocês estão naquele momento em que vocês precisam definir o futuro que querem, e se vocês estudarem e aprenderem uma profissão vocês vão perceber que vai ficar mais fácil arrumar emprego, vocês vão perceber que vão ganhar um pouquinho mais que um salário mínimo, vocês vão perceber que vão poder construir a vida de vocês e ainda ajudar a melhorar a vida da família de vocês.

Quando a gente não tem profissão, a gente chega num local perguntando se tem emprego, o que as pessoas perguntam para a gente? Você tem o curso secundário? Não. Está fora. Você tem Profissão? Não. Está fora. Ou seja, sem o estudo e sem a profissão nós não somos seres humanos normais, nós somos tratados como se fôssemos objetos. Ninguém se lembra que quem não tem um curso, quem não tem um diploma, quem não tem uma profissão também precisa comer, tomar café, almoçar, jantar, ter um lugar para morar. Ninguém se lembra.

Uma vez eu fui criticado porque disse que ia provar que um metalúrgico seria capaz de cuidar da educação melhor do que muitos doutores que passaram pelo governo e que não cuidaram. Eu disse isso por uma razão muito simples. Depois que a pessoa se forma, depois que a pessoa está vivendo a sua vida, já fez pós-graduação na França, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Espanha, sei lá onde, depois que ele entra na sua vida profissional, ele já conquistou o dele, então deixa para lá. Por que pobre tem que entrar na Universidade? Por que tem que se preocupar? Vamos cuidar do Brasil de 35 milhões de habitantes, 35 milhões que têm alguma posse. Vamos deixar os pobres para lá.

Acontece que este país não é um país de 35 milhões de habitantes, é um país de 180 milhões de habitantes e que o governo precisa governar para toda essa gente. Paulo Freire uma vez disse que descobriu que era inteligente quando começou a comer, porque uma pessoa com fome, não tem disposição



de fazer muita coisa. Então, é preciso garantir o básico às pessoas. É por isso que nós, nesses 30 meses de governo, já anunciamos a construção de mais três universidades federais, é por isso que já anunciamos mais 31 extensões de universidades federais. Aliás, no dia primeiro de setembro, acho que vamos inaugurar a Universidade de Pernambuco, de Garanhuns, que é uma extensão da Rural, aqui de Pernambuco, para Garanhuns.

Estamos levando extensões das universidades federais para os lugares mais pobres do Brasil, porque a universidade significa perspectiva de desenvolvimento de uma cidade, de uma comunidade. Estamos levando, estamos criando 32 escolas de ensino técnico para que as nossas crianças possam ter perspectivas neste país e essas coisas demoram. Se a gente pudesse fazer num passe de mágica, já teríamos feito. É que tudo isso leva muito tempo, mas nós estamos criando a base, a base fundamental para que este país aproveite a oportunidade que eu acho que vocês têm que aproveitar.

O Brasil é especialista em jogar oportunidade fora e nós queremos que o Brasil não jogue essa oportunidade fora. Acabou o tempo em que, neste país, quando a gente falava: precisa colocar dinheiro na educação, aparecia alguém dizendo: “ah, mas isso é gasto.” Investir em educação não é gasto, investir em educação chama-se investimento de verdade. Fica muito mais barato dar 100 reais para vocês fazerem esse estudo e uma atividade comunitária do que cuidar de um de vocês na cadeia daqui a um ou dois anos. Fica muito mais barato construir uma sala de aula do que construir uma cela.

Eu quero terminar dizendo para vocês: pelo amor de Deus, não percam esta oportunidade. Não é todo dia que a gente tem chance, não é todo dia que se apresenta uma oportunidade para a gente. E vocês que sonham, que querem ter as coisas boas, porque a gente tem que sonhar com coisas boas, a gente não pode achar e se conformar com a miséria, nós temos que acreditar que é possível. E esse ProJovem é uma oportunidade para jovens que já tinham perdido a esperança.



Então, meus filhos, acreditem nisso. Mas, sobretudo, acreditem em vocês. Levantem a cabeça e digam: vale a pena eu apostar em mim mesmo, vale a pena eu acreditar em mim mesmo, vale a pena eu mostrar que eu tenho potencial. Eu não tinha oportunidade. Agora, estão me dando. Então, agora, vocês têm que provar que são tão inteligentes quanto qualquer outro deste país, que têm tanta capacidade quanto qualquer outro deste país.

E se um dia vocês se desanimarem, lembrem-se da história que eu contei para vocês. Lembrem-se, eu vivi muito tempo em enchente. Na minha casa dava um metro e meio de água de enchente, lá em São Paulo. Não foram poucos os tempos que ficava a minha mãe sentada com os filhos, sem ter o que comer. Nada disso deve desanimar vocês. Na pior situação, quando vocês tiverem ficando descrentes de tudo, pensem em Deus, levantem a cabeça e digam: eu não vou me entregar, eu vou vencer e eu vou estudar.

Muito obrigado, que Deus abençoe vocês e que vocês possam vencer na vida.